



As vendas das montadoras caíram 40,2% no 1º trimestre

Arquivo

O consumo de alimentos já caiu 10%

Da Sucursal do RIO

O empresário Abílio Diniz, presidente dos Supermercados Pão de Açúcar, já identifica uma queda no consumo bastante representativa, de 10%, no consumo de gêneros alimentícios e de 15%, nos demais, inclusive eletrodomésticos, móveis e utensílios. Sua rede de lojas, supermercados, hipermercados e lojas de departamentos, com cerca de 35 mil empregados e 300 unidades, pode servir de termômetro da situação do comércio na região Sudeste do Brasil. Segundo Abílio Diniz, o consumidor agora vem comprando apenas o essencial, deixando o supérfluo. As empresas estão com estoques consideráveis, em parte pela queda do consumo e em parte porque, no ano passado, abandonaram o mercado financeiro, devido à falta de atrativo da correção monetária prefixada, passando a investir mais em mercadorias para fugir da inflação.

Abílio Diniz acha que a população está inquieta e insegura com o dia de amanhã, as pessoas procurando garantir o emprego e deixando de fazer dívidas, principalmente prestações. A política salarial está beneficiando a faixa dos salários até três mínimos, com aumentos reais de 10%, além do INPC e da produtividade. Ocorre que essa faixa de renda não compra carros e eletrodomésticos, razão pela qual a demanda está frouxa, a não ser nos gêneros de primeira necessidade. Afirma o empresário que o governo precisa ter, no momento, muito cuidado e sensibilidade para não levar o País a uma recessão, uma vez que a economia já está bastante desaquecida, com um nível significativo de desemprego.

PESSIMISMO

A redução das atividades industriais e comerciais no Rio de Janeiro é fato admitido por empresários que vão desde o presidente da Federação das Indústrias do Estado, Arthur João Donato (do setor da construção naval), até o presidente do Clube dos Diretores Lojistas, Sílvio Cunha, passando pelo presidente da Câmara Brasileira da Construção Civil, João Machado Fortes, e pelos presidentes dos Sindicatos da Indústria Têxtil, Edgard Arp, e da Indústria Eletrônica, Haroldo Collares. A maioria dos empresários ouvidos pelo Estado, a exemplo do presidente Figueiredo, não gosta de falar da palavra recessão (que tecnicamente significa o crescimento negativo de algum setor ou da própria economia), mas alguns, como o presidente do Clube dos Diretores Lojistas, Sílvio Cunha, e como o presidente do Sindicato das Indústrias Mecânicas e de Material Elétrico do Rio de Janeiro, Antônio Carreira, não têm medo do termo e admitem que, em seus setores, já há indícios de um começo de recessão.

Dos oito empresários ouvidos, nenhum demonstrou muito otimismo em relação à economia brasileira, mas dois de setores dos mais importantes — João Fortes, da construção civil, e Arthur João Donato, da construção naval — acham que, em seus respectivos ramos de atividades, as coisas estão melhorando. Fortes, no entanto, fez questão de destacar que "os indícios dessa melhoria ainda são muito leves".

CONSTRUÇÃO CIVIL

Falando sobre o seu setor, o presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil (CBICC) explicou que a crise foi muito grave no segundo semestre do ano passado, tanto na área da construção pesada (portos, aeroportos, ferrovias, etc) como na área da construção leve (a construção urbana, ligada ao sistema financeiro do BNH). Na construção pesada,

segundo Fortes, a falta de pagamento, pelo governo, dos contratos já realizados foi o motivo do desequilíbrio. Já na construção leve, a crise foi causada, como disse o presidente da CBICC, pelo desequilíbrio do sistema de financiamento, fruto da prefixação da correção monetária em valores bem inferiores aos custos da produção, e, depois, pela expectativa criada pelo anúncio do governo, em novembro, de que a correção monetária, em 1981, estaria muito próxima da inflação.

Com as regras do jogo novamente definidas, ainda segundo Fortes foram criados recursos, através da caderneta de poupança, para novos investimentos na área da construção leve, fato paralelo à reformulação do sistema gerido pelo BNH, visando a facilitar o ingresso de novos mutuários no mesmo sistema. Daí esperar-se que o ano de 1981 não seja tão negativo como o de 1980.

Quanto à construção pesada, o governo vem pagando suas dívidas aos empresários e já contratou 500 novas obras, sobretudo na área do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER). Sobre a quantificação do desemprego na construção civil, leve ou pesada, durante o período da crise mais aguda, não há dados. Isso é o que Fortes garantiu, para afirmar que quem tiver esses dados, que os envie à CBICC.

CONSTRUÇÃO NAVAL

O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Arthur João Donato, disse acreditar que a indústria da construção naval (ele é diretor-presidente dos Estaleiros Caneco) esteja em fase de recuperação do período mais grave da crise que sobre ela se abateu no fim do ano passado e começo deste. Segundo Donato, a causa das dificuldades — falta de encomendas — é problema que, recentemente, foi motivo de medidas saneadoras do Ministério dos Transportes e da Superintendência da Marinha Mercante. Resultado: o governo e seus financiamentos, como explicou Donato, já garantem um plano imediato e de emergência para atender às empresas que estavam começando a ser atingidas pela ociosidade. E, além dessas novas encomendas, o governo pagou suas dívidas atrasadas, provendo assim os estaleiros de recursos para suas necessidades atuais.

ELETROELETRÔNICA

O presidente do Sindicato da Indústria Eletroeletrônica do Rio de Janeiro, Haroldo Collares, informou que, dos 20 mil operários do setor, no Rio, 10% estão desempregados atualmente, e que 20 mil perderam o emprego em todo o Brasil, em razão do desaquecimento da demanda na área das telecomunicações (cujo único cliente é o governo) e dos eletrodomésticos. Para se ter uma idéia da gravidade do problema Collares lembrou que, em conversa com um diretor da General Electric este lhe disse que a empresa esperava vender ao comércio, no começo do ano, 10 mil geladeiras, mas só conseguiu vender 1.500.

MECÂNICA E MATERIAL ELÉTRICO

Esse setor, segundo Antônio Carreira, presidente do Sindicato das Indústrias Mecânicas e de Material Elétrico do Rio de Janeiro, também atravessa, atualmente, grandes dificuldades, tanto pela falta de encomendas como pela escassez de crédito. Aquelas empresas que produzem equipamentos pesados estão recebendo com muito atraso as faturas do governo, sem que essa dívida venha acompanhada dos juros e da correção monetária. Apesar disso, as mesmas empresas — como lembra Carreira — pagam suas dívidas com juros muito altos e correção monetária.

Por todos esses motivos, ainda segundo o presidente do Sindicato das Indústrias Mecânicas e Elétricas, os empresários do setor resolveram tomar as seguintes atitudes: 1 — não contratar pessoal para novos cargos; cortar hora extra; não preencher as vagas das demissões espontâneas; pensar na hipótese da redução da jornada de trabalho.

BEBIDAS

O presidente da Seagrams, Mário Baptista, informou que a situação da indústria de bebidas de alto teor alcoólico é consequência da redução real do salário médio: a comercialização dos produtos mais caros caiu, em benefício dos produtos mais baratos. Até agora, segundo Baptista, sua empresa — principal produtora no Brasil de bebidas com alto índice de álcool — não reduziu a produção, mas pelas dificuldades de comercialização, teve seus estoques aumentados. E isso é mal, no entender do presidente da Seagrams, porque imobiliza capital, mas, apesar de tudo, ainda não há desemprego. Sua empresa não tem necessidade de buscar crédito a qualquer custo, mas ele acha que o dinheiro está muito caro.

COMÉRCIO

O presidente do Clube dos Diretores Lojistas do Município do Rio de Janeiro, Sílvio Cunha, admitiu que o comércio, com a queda das vendas registrada no primeiro trimestre do ano, já começa a demitir empregados. Ele culpou a política de retração ao crédito pela fraca movimentação comercial, que atribui também à diminuição das compras pelos turistas argentinos.

Já o presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Ruy Barreto, concorda que tenha havido uma redução das vendas no comércio, mas acha que esse fato deva ser melhor analisado, pois considera o primeiro trimestre do ano "atípico". O carnaval foi muito tarde (o que resultou em férias maiores que as normais) e os argentinos, com seu dinheiro não tão valorizado em relação ao cruzeiro como antes, compraram menos na temporada turística.

Por isso, Barreto disse considerar melhor uma análise do comércio só no fim deste mês, quando já terá ocorrido um período típico, isto é, um mês normal como o de abril. Aí, então, segundo Barreto, poderá haver um diagnóstico tranqüilo sobre queda ou não da atividade comercial no Rio de Janeiro.

TÊXTIL

O presidente do Sindicato das Indústrias Têxteis do Rio de Janeiro, Edgard Julius Arp, disse que o governo não se mostra ágil em sua política de exportação, fazendo com que o setor têxtil acumule estoques e não consiga colocá-los no Exterior. Entende Edgard Arp que o setor têxtil passa por uma fase de desaquecimento e há seis meses vem lutando com a Cacex para ver se coloca seus excedentes de produção (em torno de 20 a 25%), da produção do ano passado, sem sucesso.

Não considera que a atual política econômica promova desemprego no setor têxtil que, a seu ver, há muito vem adotando tecnologia moderna, se automatizando e deixando de empregar grandes contingentes de trabalhadores. Acha o líder empresarial que para combater a inflação é preciso sacrifício, não conhecendo outra receita para isso que não as fórmulas clássicas ou ortodoxas de controle monetário. Afirma, também, que algumas empresas já estão enfrentando problemas de liquidez e começando a atrasar seus pagamentos.